



XXIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira

bienaldecerveira.pt

20 JUL — 30 DEZ 2024

Ciclo de Conferências Internacionais

Congresso Internacional És livre?

23 NOV 2024

Fórum Cultural de Cerveira

<https://conferencias.bienaldecerveira.pt>



Programa

09h30 Recepção aos participantes

09h45 Abertura

10:00 Livres, iguais e fraternos? A herança revolucionária no século XXI

Manuel Loff

12h00 Debate

12h30 Almoço

14h00 Symbiophone - interfaces for unheard communications

Jéssica Pereira Gaspar

14h20 Troubadours e trovadores: a palavra medieval inteiramente livre, inteiramente condicionada

Diogo Manuel Costa Moreira Maia

14h40 Por linhas turvas: o reposicionamento da fronteira pela memória através do sensorial

André Araújo

15h00 Arte, Currículo e "Diversidade": criando "pontos de fuga" na formação de professores

Joana Simões Piedade

15h20 Coffee Break

16h00 Cisma

Bea Bandeirinha

16h20 Trance Hop / Synth Rap - O lado psicadélico da rima

Tiago Matos

16h40 Debate

17h00 Visita guiada à XXIII BIAC

Oradores

Jéssica Pereira Gaspar

Symbiophone - interfaces for unheard communications

Departing from considerations on the meaning of existing in an inherent global symbiosis, as well as, a search for distinct interfaces for inter-species communication, the present investigation combines microbiology and acoustics through an artistic practice, creating a path to uncover possible hidden dialogs and alternative ways of perceiving. As such, this research emerges from three main questions: Do human derived sounds affect the mycelium growth? Can noise pollution from highways, factories or busy areas affect the mycelium, hence affect the forest ecosystem? Is it possible to create a dialog through the use of sound frequencies and vibration, producing a sound maze and generating a response through the growth pattern of the mycelium? The first endeavor into set research focuses on the last question, resulting on the development of the audiovisual interactive installation intitled Symbiophone.

Tiago Matos

Trance Hop / Synth Rap - O lado psicadélico da rima

Partindo da proposta de análise de um artefacto cultural: "(...) um texto literário curto, um filme, uma imagem, uma reportagem, um lugar, um anúncio publicitário, etc., etc., etc.", questioneei em aula, se poderia elaborar o trabalho sobre a minha própria produção artística, sendo a resposta positiva. Assim, farei a melhor defesa que me é possível ao texto dos meus "alias" FreakWhenSees e Trance Hop, tentando fazer também a conjugação dos mesmos com as ideias de Cultura de Raymond Williams, de Identidade de Amin Maalouf e Reacionismo de Sojourner Truth. A "Aberração Quando Vê", é um projeto literário que nasceu durante os estudos da disciplina de Poética e Escrita Criativa durante o ano letivo de 2017/2018, lecionada pela professora Graça Capinha. As atividades acordaram em mim o legado do meu avô: João dos Santos Ferreira, que é letrado apenas até à quarta classe, mas detém uma cultura enorme. Tal como faço a música e voz das minhas faixas, o meu avô fez a edição e entrega do jornal "Eco de Vagos", durante mais de quarenta anos. Tal como ele, tento ecoar o espírito do tempo: com letra guerrilheira canhota que, na maior parte das vezes, surge em forma de quadra cruzada.

Exponho agora o artefacto que vou explorar: "A Canção do Açor", que pode ser ouvida e à qual não faltam referências (Canção Do Açor, sem data). Foi escrita num ímpeto assim que soube que o partido Chega tinha conseguido relevância nos Açores. Farei uma leitura da mesma, dando a devida importância a cada estância.

Bea Bandeirinha

Cisma

Uma viagem sonora, numa paisagem de sons e poesia, que faz questões. Uma exploração em música do que é a liberdade, de como se apresenta como uma possibilidade de extensão. A que limites se enfrenta esta extensão, de que maneira se confronta com as realidades dos corpos, e de que forma interage com outros pilares do ser. O que precisa a liberdade para existir? Esta proposta vem como reflexão nestas várias questões, um convite à escuta, à imersão, ao movimento. A autora, sonoriza e dança paisagens de caminho da liberdade.

Diogo Manuel Costa Moreira Maia

Troubadours e trovadores: a palavra medieval inteiramente livre, inteiramente condicionada

"Troubadours e trovadores: a palavra medieval inteiramente livre, inteiramente condicionada" Pier Paolo Pasolini afirma ter cantado "ab joy", invocando ao longo da sua obra poética o sentimento complexo do "joy" trovadoresco situado entre o êxtase, a transgressão e o misticismo. Ezra Pound decidiu inspirar-se de versos e das metáforas do trovador occitânico Bernard de Ventadour nos seus "Cantos" de modo a conferir-lhes o ritmo de uma poesia límpida, a liberdade concisa da sua forma hermética. Corajosos e exigentes estes poetas, como tanto outros, enfrentaram assim a poesia medieval, perguntando-lhe, sem rodeios : em que medida é que a palavra poética medieval constrói a liberdade intelectual do artista? A poesia medieval dos troubadours e dos seus congéneres ibéricos, os trovadores (que se exprimiram em galaico-português) foi sobretudo laica, extraconjugal, por vezes homoerótica e sempre tensa. Ela foi tecendo, pela arte engenhosa da rima, severas críticas aos poderes locais, senhoriais e até mesmo ao poder papal. Estes poetas já tão longínquos do espírito dos artistas, dos leitores e dos actores da sociedade civil, construíram habilmente um espaço entre poesia e política, navegando entre o amor cortês, refinado como ouro, e o ritmo contundente onde o escárnio e a sátira foram armas de poesia. A conferência abordará assim, de forma não exhaustiva, o papel que estes poetas medievais tiveram no entendimento de uma época marcada não só por valores de cortesia como também pela guerra com as sucessivas Cruzadas. Poderão estes poetas, vindos quase de um outro mundo, contextualizar o "és livre" que o artista de hoje parece estabelecer como regra? Estes poetas de outrora viveram entre uma liberdade desassomburada e um enorme condicionamento.

André Araújo

Por linhas turvas: o reposicionamento da fronteira pela memória através do sensorial

A reflexão sobre a Fronteira assume hoje, face à sua crescente dispersão pelo globo, novas formas e desafios, decorrentes quer dos impactos da globalização, da forma como nos relacionamos com os espaços e lugares, ou ainda da expansão conceptual do acto de dividir. Diante do desafio de representar visualmente uma fronteira, será comum o recurso às linhas exactas que encontramos nos mapas, influído por uma "redução violenta da realidade" (Guidice & Giubilaro, 2015), ou "Spatial Turn" (Nail, 2016), que as simplifica como meros limites estatais ou corte limpo que sugere identidades destrinçadas por um milimétrico traço. Contudo, a passagem do tempo exorta a reconfigurar a narrativa da paisagem. É no resgate das estórias da fronteira que reside a sua identidade, forjada nas divisões, simetrias e conflitos que, mais ou menos sanados, ecoam mediando a ordem social que pensamos como intransponível. Nesse sentido, a praxis recente nos Estudos da Fronteira transcende o enquadramento meramente espacial, considerando o território como socialmente construído, enraizado no simbólico e no intangível. Assim, são várias as abordagens metodológicas que destacam a temporalidade, proporcionando múltiplas perspectivas ao longo do tempo, uma vez que o trabalho de memória pode reflectir o lugar fronteiriço através da profundidade presente nas recordações pessoais e familiares. Nesse espaço de imaginação crítica, intervenções artísticas têm justificado a designação de Border-Art ao desafiarem as lógicas estabelecidas sobre o território, designadamente através da exploração plástica do resgate de relatos e memórias como instigador de reflexão contemporânea (Cesari, 2018; Dell'Agnese & Szary, 2015). Esta investigação artística reinterpreta o património da Raia, resgatando potencialidades estéticas da memória para criar narrativas em um contexto pós-Schengen marcado pela intangibilidade, contrapondo-a com a noção de Fronteira como espaço do "entre" (Nail, 2016). Com uma abordagem multidisciplinar, integrando metodologias das ciências sociais, as estadias em diferentes territórios fronteiriços geram conteúdos audiovisuais, pesquisas em arquivos, entrevistas e diários de campo, construindo um acervo pessoal passível de reconfiguração pela prática artística. Perante a aparente intangibilidade da fronteira, que se permite cruzar num só jorro, emerge uma nuvem de memórias, tão presente no ar que quase sugerem a possibilidade de lhes chegar com a mão e atingir com o toque. São esses ecos da memória reforçam que a pertinência de sensibilizar para a dimensão social - construída e evoluída com o tempo - presente no espaço e no património raiano: as memórias da passagem da fronteira a Salto, quer por resistência política à ditadura, quer pela migração de quem procurava a fuga à miséria; as vivências das comunidades transfronteiriças marcadas pelo conabando. A presente comunicação explora as ocorrências que emergem do processo de criação e do contacto auto-etnográfico do artista na Fronteira

Valença-Tui que funcionou como um roteiro para as criações artísticas que aqui refletem sobre a memória colectiva e sensorial em torno das memórias da compra de Caramelos Espanhóis, e na Fronteira entre Ourense e Castro Laboreiro, na imersão do artista num lugar onde as memórias do contrabando marcam as conversas, memórias e trajectos de quem lá vive.

Joana Simões Piedade

Criando "pontos de fuga": a arte como recurso pedagógico na Formação de Professores

A partir de um caso de estudo, pretendo demonstrar como a formação de professores pode constituir-se como espaço para a autorreflexão, para pensar a sala de aula e debater sobre currículos e práticas pedagógicas, tendo como foco os desafios enfrentados por alunos de comunidades migrantes e minorias étnicas e culturais. Defendo que, através de uma pedagogia a partir da obra de arte, é possível a tomada de consciência da perspectiva pessoal que preside aos modos de ver o mundo e a compreensão da "pedagogia das ausências" (Gomes 2017; Santos 2002), permitindo aos professores, nesta intersecção, traçar pontos de fuga nas suas práticas em sala de aula. Estes pontos de fuga evidenciam um lugar de emergência e convergência onde novos conhecimentos que desafiam a perspectiva e o discurso hegemónico, práticas pedagógicas inovadoras e a criatividade dos professores encontram as necessidades diversificadas dos alunos, independentemente dos seus percursos e origens culturais, linguísticas ou sociais, desafiando e superando as barreiras impostas por limitações e preconceitos anteriores, currículos e manuais tradicionais. Nos últimos anos tenho desenvolvido projetos educativos em escolas e museus em Portugal que têm como ponto de partida obras de arte, arquivos fotográficos, linguagens artísticas e, a partir daí, suscitar debates sobre os "legados difíceis" da História, particularmente sobre questões ligadas às temáticas da cidadania, memória, ditadura, colonialismo, direitos humanos, democracia e justiça. Recorro com frequência a obras de artistas de diversas origens, como um "arquivo" de conhecimentos. Não utilizo aqui o termo "arquivo" como um procedimento neutro, que separa o passado e o presente, a história e a política, ou o lugar onde podia ser materializada a fantasia da "história do mundo" ou de "uma história universal da humanidade" (Azoulay 2024, 71). A metodologia pedagógica que proponho visa o recurso a obras de arte contemporâneas como pontos de partida para desafiar e transcender as fronteiras entre passado e presente, história e política. Ao invés de tratar o arquivo como um repositório estático e a educação para a cidadania a partir da História como um processo cronológico, proponho uma pedagogia que ativa e interpela o passado no presente. Esta abordagem reconhece que o trabalho educativo é intrinsecamente político e não neutro (Kincheloe 2004, 9). Neste arquivo, artistas de várias proveniências desafiam e redefinem as narrativas dominantes sobre identidade e cultura, criticam as injustiças, a opressão racial e

social, consciencializam sobre questões de racismo, desigualdade e violência, promovem a mudança social, mobilizam para a ação política (Powell 2021). São o mote para uma pedagogia recuperadora capaz de corrigir injustiças históricas e sociais, ao recuperar identidades, culturas e histórias marginalizadas; e reparadora dos danos causados por legados coloniais e outras formas de opressão, através de uma consciência crítica, questionadora e desafiadora das estruturas de poder e desigualdades históricas e contemporâneas. Nesta comunicação pretendo defender que, num cenário onde os currículos e manuais em Portugal negligenciam, muitas vezes, os conhecimentos de diversas culturas, a arte enquanto recurso e ferramenta pedagógica na formação de professores pode atuar na criação de "pontos de fuga", encontrando formas de incluir e valorizar todos os alunos, das variadas origens e percursos, desafiando e transcendendo crenças e limitações pessoais, ausências e lacunas estruturais do sistema de ensino.